

Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America

ISSN: 2572-3626 (online)

Volume 16

Issue 1 *Indigenous Peoples in Isolation: Terminology, Territory and Processes of Contact*

Article 14

12-15-2019

Nós indígenas precisamos ser ouvidos diretamente e ser reparados das violações que sofremos

Make Turu

Associação Indígena Matis

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti>



Part of the Archaeological Anthropology Commons, Civic and Community Engagement Commons, Family, Life Course, and Society Commons, Folklore Commons, Gender and Sexuality Commons, Human Geography Commons, Inequality and Stratification Commons, Latin American Studies Commons, Linguistic Anthropology Commons, Nature and Society Relations Commons, Public Policy Commons, Social and Cultural Anthropology Commons, and the Work, Economy and Organizations Commons

Recommended Citation

Turu, Make (2018). "Nós indígenas precisamos ser ouvidos diretamente e ser reparados das violações que sofremos," *Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*: Vol. 16: Iss. 1, Article 14, 158-163.

Available at: <https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol16/iss1/14>

This Article is brought to you for free and open access by Digital Commons @ Trinity. It has been accepted for inclusion in Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America by an authorized editor of Digital Commons @ Trinity. For more information, please contact jcostanz@trinity.edu.

Nós indígenas precisamos ser ouvidos diretamente e ser reparados das violações que sofremos

Make Turu¹

Vereador, Município de Atalaia do Norte, Amazonas

Associação Indígena Matis

BRASIL

Eu queria agradecer o convite para poder falar sobre o trabalho de vocês e comentar o que estou ouvindo. Eu, como indígena, acompanho este trabalho, tanto da Funai, como de indigenistas e antropólogos que trabalham no Vale do Javari. Eu venho de uma comunidade do Vale do Javari, e hoje sou vereador em Atalaia do Norte.

Há muitos isolados na nossa região. Parece que aumentam os índios isolados. Mas há muitos riscos. A gente vê os isolados na beira dos rios, quando subimos de barco. Esse ano, e já tem ovo de tracajá agora, encontramos isolados nas margens. Daí, quando é assim, no ano seguinte, já não encontramos mais. Aparecem num ano, às vezes desaparecem no segundo. No Vale do Javari, tem muitas doenças contagiosas, como hepatite. Será que nessas aparições há contaminação?

Como é que a gente pode ajudar os nossos parentes isolados que vivem no mato?

Como movimento indígena, nós lutamos por eles, lutamos politicamente para defender os direitos dos povos isolados. Só que, infelizmente, o governo brasileiro não olha para nós. Nas cidades, os brancos têm preconceitos com nós, indígenas. E isso deixa a gente triste também. A nossa situação, dos contatados, também é difícil. E lutamos por nós e lutamos pelos isolados.

Eu sou indígena, e hoje tenho orgulho de ter vindo do movimento indígena e de agora estar na Câmara Municipal de Atalaia do Norte, onde os indígenas me colocaram através do voto. Estou lá, assim como vim para a reunião da SALSÁ, em Lima, para fazer mais parceiros para lutarem ao nosso lado.

Nós nos preocupamos como é que vamos receber os nossos parentes que estão isolados no mato. A gente sabe que os isolados que vivem no mato, como os indigenistas falaram, os índios brigam entre si. Mas não por terra. Isso não existe. A gente não briga por terra. A terra a gente sabe de quem é, o local onde a gente vive dentro do mato. Sabemos os nossos territórios, todos nós sabemos. Não brigamos por terra com os isolados, nem com os outros contatados. Mas o que acontece é que por causa de mortes, por doenças, por invasores, acontecem conflitos.

Sobre as falas dos indigenistas da Funai nesse encontro de antropologia, a gente vê que, e eu me coloco aqui como integrante do movimento indígena, é preciso debater como é nos podemos decidir, e pensar hoje, sobre os contatos. Não é só a Funai que vai decidir se vai fazer o contato. Se a Funai decidir fazer deles contatados, por que então hoje está ocorrendo briga entre os indígenas e a Funai no Vale do Javari? É justamente por isso: só a Funai que quer decidir a política com relação aos isolados. Se a Funai decidir, “nós vamos fazer contatados”, só a Funai vai ser culpada por qualquer erro, como foi o que aconteceu com os Korubo, em 2015. Então, para não ter erro, temos que nos juntar, o movimento indígena, antropólogos, Funai, Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena), uma equipe que tem conhecimento, para receber bem esses parentes.

Eu vim não apenas para assistir a reunião, mas para debater, saber o que estão pensando, decidindo. E isso, os índios também querem fazer na área: se aproximar dos brancos. Os isolados também querem se aproximar. Mas caçadores, pescadores, garimpeiros, estão fazendo contatados sem a gente saber. A Funai e antropólogos acompanham e estudam a nossa vivência na floresta. Só que é nós que sabemos como é que a gente vive. Precisamos é ser ouvidos, e participar diretamente desses debates sobre as nossas vidas e o nosso território.

A minha região, os isolados, e a Funai

Vou falar um pouco da minha região. É uma região onde tem muitos povos isolados. Não é pouco não. Eles aparecem na nossa comunidade, vem buscar nossas bananas, macaxeiras. E a gente precisa muito mais da presença de equipes da Funai junto da gente em campo. Acontece que a Funai está, cada vez mais, se acabando.

Como é que nós, do movimento indígena, pensamos? A gente está pensando como é que nos vamos trazer mais parceiros para ajudar a receber esses nossos parentes que vivem no mato. Mas não é a gente que vai decidir se vai fazer contato. Não. A gente está pensando como é que eles nos vêm. Eles querem nos conhecer. Eles querem panela, as tecnologias dos brancos que a gente usa e já tem. É porque no mato eles já estão se aproximando pelas doenças, pelos massacres que tem de garimpeiros, pescadores e caçadores ilegais. Já tem uma aproximação, mas essa aproximação que tem é muito ruim para eles. A aproximação do petróleo que querem explorar na nossa região, por exemplo. Por isso, os isolados saem das áreas deles e estão se aproximando das outras comunidades e dos outros povos indígenas. Aí, em alguns casos, isso pode chegar a provocar conflitos muito grandes.

Nós, como contatados, temos muito medo dos que vivem no mato. Nós indígenas temos muito medo, mais do que vocês. Quem é que vai querer morrer flechado?

Enquanto movimento indígena, nós temos essa preocupação sobre o medo que os indígenas contatados têm de virem a ser mortos pelos isolados. Isso a gente acompanha na nossa região, junto com os indigenistas parceiros da Funai como Antenor Vaz, o Fabrício Amorim, com várias outras pessoas que perguntam como é que a gente vive.

A realidade é que gente convive com os isolados que estão no mato. A gente não briga assim, como dizem por aí, como a Funai já disse de forma errada, com os isolados. Isso é eventual, só de vez em quando que pode acontecer. Só em 2014 que teve a briga dos Matis com os Korubo. É que eles mataram Matis, e fizeram uma coisa muito mal, esse foi o sentimento dos Matis. Não era para se vingarem, mas infelizmente aconteceu isso. A Funai não agiu como ela deveria ter agido para evitar esse conflito. Ao contrário, a Funai agiu ofendendo os Matis, provocando mais mal ainda, mais divisão, mais raiva. Os Korubo são nossos familiares. Eu também sou Korubo. O pai de minha mãe é Korubo. Então eu sou Korubo. Nós somos misturados. A Funai não entende, e provocou mais divisão.

Na reunião da SALSA, outros falaram dos casos dos seus países, os colombianos, os peruanos, que onde eles trabalham é muito parecido com onde a gente vive. Mas como é que a gente vai pensar e planejar quando os isolados vão ser contatados, lá ou aqui? Será que a gente vai decidir sozinho? Nós mesmo, aqui onde a gente está, em Lima, ou lá em Brasília, como autoridades? A Funai como autoridade que diz que é que sabe? Eu acho que não.

Nós, lá no mato, como vizinhos deles, vamos conversar com outros vizinhos deles, as outras etnias, e conversar sobre como vamos receber eles quando eles vierem. E não chegar só o Estado e decidir tudo sozinho. O Estado é a Funai, que cuida do índio, e que sempre foi criticado, que errou muito. É o exemplo dos Matis, que está aí. O que aconteceu com o meu povo? Eu pesquisei, lá na minha aldeia, conversando com meus parentes, e vou contar para vocês.

Quando o meu povo Matis foi contatado, morreram muitos, muita gente morreu, mais de 200 pessoas. Hoje contamos mais de 200 pessoas que morreram no contato, mas na época a gente não sabia contar, e a gente não sabe direito o quanto de gente que morreu. E isso aconteceu faz pouquinho tempo.

Foi por isso que eu falei: como é que nessa região daqui convive os contatados com os isolados? A gente sabe que é muito ruim a gente se aproximar deles. Basta dar um lápis, e ele, o isolado, já está com gripe. A gente sabe disso porque a gente sofreu isso. E a Funai foi a culpada da contaminação que matou o meu povo.

Minha avó contava. Eu sou de recente contato, ela dizia. Então, a Funai pegou e trouxe para a beirada do rio os índios, e seis anos depois, a Funai abandonou. Nós sabemos o drama dos isolados porque nos fomos isolados e fomos contatados. E sabemos a culpa da Funai nesses processos, que provocou muito sofrimento para os Matis. E esse o conhecimento que eu tenho, eu aprendi na minha aldeia. Eu sou do mato também. Saí com 14 anos para a cidade. Aprendi português por vontade e a força que eu tenho. Agora estou aqui debatendo com vocês.

Hoje, a gente está começando uma nova fase de disputa na política institucional. Para nos elegermos vereadores, foi preciso apoio do Estado para as urnas chegarem até as aldeias. A nossa região é muito grande, e ir para a cidade e voltar é muito complicado. Nas eleições passadas, esse deslocamento provocou muitas mortes pelas doenças que os indígenas pegavam na cidade. Mas daí a gente brigou muito, pelo movimento indígena, e conseguimos fazer valer nosso direito de poder votar. Agora, depois de eleito, pensamos: como a gente vai trabalhar? O passo é que estamos conseguindo, olhando para a nossa escola, de dentro da Câmara, e não só para os indígenas, mas todos os povos dentro do município. São 11 vereadores, e somos seis indígenas. Somos a maioria.

Se já estamos na política institucional, também tem indígenas do movimento estudando na universidade, por que é que a gente não pode decidir sobre o nosso território, o Vale do Javari? Por que é que são as autoridades que estão longe, antropólogos que estão longe, ONGs que estão longe, que captam recursos longe, que decidem sobre o que fazer no território onde a gente vive, que decidem quando vão fazer contato, ou quando não vão fazer contato? Nós não queremos mais isso, nós do movimento indígena, nós indígenas que vivemos no Vale do Javari. Nós queremos autonomia, gerir os recursos, e tomar as decisões das nossas vidas. O Estado foi muito violento com nós, como pode os antropólogos defenderem o Estado? Foi isso que fizeram contra nós.

Nossa memória do contato é muito triste: queremos reparação

Muitos anos atrás, séculos atrás, os Matis moravam no Rio Branco. Meu vovô conta que o pai dele vivia no rio Branco. Os caçadores e pescadores mataram muitos Matis, os homens fugiram, e mataram muitas mulheres, eram quatro malocas e mataram todas as pessoas de duas malocas inteiras.

Os Matis voltaram a se vingar dos brancos nesse lugar onde hoje é a aldeia Tawayá. Nessa aldeia, os caçadores mataram muito, muito Matis. Duas malocas inteiras. Nessa época, os Matis fugiram para as cabeceiras dos rios, principalmente do rio Branco. Ficaram muito tempo lá, e depois voltaram para se vingar dos brancos, fizeram flecha, zarabatana. Fizeram guerra mesmo. Depois, ele me diz, meu vovô, que dois anos, por aí, os brancos voltaram a caçar de novo os Matis. Mataram mais Matis, levaram duas mulheres, dois rapazes, e mais um rapaz, que nunca mais voltaram. Ninguém sabe aonde eles estão, qual família. Ai um não queria ir, e voltou para a aldeia, mas dois rapazes ficaram raptados pelos brancos. Uma mulher saiu, conseguiu fugir, e morreu. Uma mulher de antes e um homem, ficaram lá com os brancos. Ele não quis mais voltar porque os brancos falaram que, se ele fugisse, eles iriam matar ele e os Matis.

Os Matis se espalharam depois desse ataque dos brancos. Fugiram para as cabeceiras do rio Jacurapá, no Igarapé Bueiro, é bem cabeceira de rio mesmo. Aí por ali nessa região, eles ficaram escondidos um tempo. Até que os madeireiros atacaram e mataram os Matis de novo. Foi quando a Funai veio contatar os Matis que fugiram.

Fizeram o contato e mandaram de volta para o mato. Foi muito tempo assim, um contato, e fugia para o mato. Não sei se na época a Funai fez alguma reunião, e voltaram a pegar os Matis, a fazer o contato de novo. Mas foi nesses contatos que teve mortes e epidemias. Morria muita gente e os Matis correram no mato para não morrer. Me contam que viam morrendo muita gente, e uns fugiram para o mato e morreram. Muita gente morreu. E Funai nunca divulgou isso que aconteceu com os Matis, que foi culpa e erro da Funai. Nem no relatório da Comissão Nacional da Verdade falaram desse sofrimento que meu povo passou. O Estado nega até hoje.

Em 1976, no contato dos Matis estavam os sertanistas Pedro Coelho, Samuel Cruz, Wellington Figueiredo e outros funcionários. Depois, os Matis retornaram para Rio Branco, na maloca, depois de contraírem doenças. Nessa maloca houve tragédia, uma grande epidemia, e a maioria dos corpos nunca foi sepultada. Apenas 87 pessoas Matis, da maloca do Igarapé Jacurapá, sobreviveram. Morreram mais de 200 pessoas. Foi despreparo dos funcionários da Funai que causaram a morte de tanta gente do nosso povo. E o Estado nunca iniciou investigação para apurar causas, foi um grande desrespeito pelo meu povo.

Alguns anos depois de contato, a equipe do posto indígena deslocou meu povo Matis para outra localidade, acima do Rio Ituí, prometendo assistência do Estado, realizar abertura de um novo roçado no Igarapé Bueiro, para criar uma nova comunidade Matis. Equipes da Funai retiraram as pessoas da aldeia, convencendo do deslocamento para

abandonarem sua moradia tradicional dos rios Branco, Coari e Jacurapa. Foi a Funai quem levou meu povo para outro lugar fora de onde a gente vivia.

Após criar aldeia, a Funai escolheu e nomeou um cacique da aldeia, para usar um indígena para comandar a comunidade. Nessa aldeia, meu povo sofreu muitos abusos de funcionários da Funai, inclusive o estupro de mulheres indígenas. Um deles, que não quero citar o nome aqui, ficava no posto numa casa bem grande que a equipe da Funai fez, para ficar a equipe da Funai. Minha mãe conta, vovó contava. Se era ele meu pai verdadeiro ou não, eu não sei, porque a minha mãe foi estuprada. Trocava as mulheres por objetos. É muito feio isso que fizeram. Me senti muito mal todas as vezes quando minha mãe contava, que ela era muito nova quando era abusada. Não só ela, mas outras mulheres também.

Esse caso dos abusos das índias só apareceu depois que o movimento indígena chegou lá. Foi o Clovis e o Darcy Marubo, duas lideranças do movimento indígena da etnia Marubo, e meu tio, Iva Xunu Matis, que contou para o Darcy e o Clovis o que estava acontecendo. Darcy denunciou esse funcionário, que veio a ser expulso da Funai e foi embora para Manaus. Outros Matis queriam matar ele. E depois de uns 15 anos, ainda por cima, ele teve coragem de aparecer na aldeia levando uns Matis que ele havia raptado. Os Matis falaram que nunca mais queriam que ele voltasse, que iriam matar ele, e ele se escondeu. Ele não é meu pai, hoje eu sei disso, meu pai é Matis, mas minha mãe foi abusada, assim como outras mulheres Matis e de outros povos.

As mortes e o sofrimento que o Estado provocou

No tempo em que foi contatado, Matis não sabia contar. A Funai fez um levantamento de que 87 sobreviveram. Depois eles aumentaram, mas a gente ainda hoje é muito pouquinho. Morreu é muita gente mesmo, morreu, muita, muita gente. E Funai sempre negou e nunca relatou isso. A Funai nunca diz quantos Matis morreram. Funai matou muitos Matis. Depois vem dizer que Matis é criminoso, que estão brigando por mulher, que Matis briga por terra com isolado. Isso de briga por mulher é de muitos anos que aconteceu, coisa do tempo dos velhos, do meu avô que tinha falado do pai da vovó, é muito tempo atrás. Não pode dizer que o conflito que aconteceu hoje foi por isso, como a Funai e antropólogos disseram. Tá errado.

Eu estudava, conversava com os velhos. Eu falava para os velhos que a Funai sempre negou as mortes, que o Estado precisava reconhecer as mortes. Também os outros agentes que fizeram mortes. Hoje, queremos investigar esse passado, que para nós ainda está presente.

Depois de ser contatado, morreu muita gente. Dai eu não sei se a Funai tinha médico na equipe ou não. O vovô falava que a Funai tinha remédio. Morreram muita gente, e as crianças sofreram muito, não tinham o que comer. Não tinha como dar comida para as crianças. Eu pesquisei para saber como que foi contatado os Matis. Eu me interessei por saber cadê meu avô e meus parentes que eu não conheci, que fui descobrir que morreram nessa época. Eu sempre falava com a minha mãe, perguntava para ela quem era o meu pai verdadeiro, porque eu não tinha pai. Eu queria saber, saber por que eu me criei sozinho, sem pai, assim como outros Matis da minha idade. Quem me criou foi a minha avó, e depois eu vim com um branco para a cidade, um homem que eu considero meu padrasto, que me criou desde 12, 14 anos. Eu ficava na cidade, e no final do ano eu ia para a aldeia, mas foi poucas vezes, demorei para conseguir ir. Depois quando tive um problema com o meu irmão que ficou doente, e meu primo, eu me interessei mais por saber a nossa história, e porque Matis era tão pouquinho gente. Me interessei porque eu queria saber.

Porque os Matis são muito poucos hoje em dia, só quinhentas e poucas pessoas? Eu queria saber o que tinha acontecido com os Matis, que são muito poucos. E me perguntavam, cadê tua família. E eu não sabia responder. Foi aí que eu vim sabendo. Cadê o pai do fulano, o que foi que aconteceu. Fui perguntando assim na aldeia. O primeiro matis que veio para a cidade foi Bushe. Depois fui eu.

Funai fez muito mal para os Matis, foi quem espalhou doença entre nós. Nós jovens, hoje, queremos cobrar a reparação desses crimes do Estado brasileiro. Foi por isso que eu vim para a cidade para estudar e aprender. Hoje, eu e meu povo queremos cobrar. O Estado tem que reconhecer o sofrimento aos Matis. Os filhos pequenos que ficaram sem mãe e sem pai. Minha mãe perdeu o pai e ficou só com a mãe. Tudo isso aconteceu, foi o Estado brasileiro, pela Funai, que fez com Matis, e veio usando e abusando dos Matis. E

a gente sabe que Funai foi muito errada. E os Matis não foram errados, como a Funai nos acusou agora, recentemente. Eles querem esquecer o que fizeram com a gente, mas a gente não vai deixar.

Os Matis, ainda hoje, têm muito poucos anos de contato, poucos falam português. Funai assumiu o papel de cuidar dos índios, mas dizia que não tinha dinheiro. A mesma Funai que buscou os Matis, e depois abandonou, nem olha mais para os Matis, e ainda acusa os Matis de serem violentos. Isso tudo gera uma revolta em mim. Eu sou triste, perdi minha família. Minha vovó sempre diz que o pai da mamãe era Korubo. A avó da minha mãe era Korubo. A Funai tem que reconhecer, e outros antropólogos que nem conhecem a nossa história e saem falando em nosso nome, ignorando nossa história e defendendo o Estado, trabalhando para o estado ou para uma ONG, também tem que reconhecer. Primeiro, tem que saber dialogar com os Matis para saber o que está acontecendo. E não falar por a gente, falar em nosso nome. Não sair para defender o Estado, sem saber a verdade. Não pensar em dinheiro, mas ajudar como se ajuda o ser humano.

Os Korubo são nossos parentes e a Funai foi nossa inimiga nesse conflito

Eu tenho orgulho de ser Matis, tenho orgulho de lutar por todos os povos indígenas, não só do Vale do Javari. Novamente, depois de anos, a gente sofreu ataques da Funai após o conflito com os Korubo, que foi provocado por falta de ação e por intervenções erradas da Funai no Vale do Javari.

Entre 2007 e 2010, iniciamos a busca pelo nosso território tradicional, porque onde a gente vivia, que foi onde a Funai nos levou, não estava bem. Fizemos a mudança de aldeias do rio Ituí para o rio Coari, a aldeia Todowak, e no rio Branco, as aldeias Tawaya e Bukuak, saindo da beira do Ituí, onde passava muita gente, tinha muita doença, muito piúm. Os locais que escolhemos para novas aldeias é território de ocupação tradicional Matis, onde estão as nossas histórias. Antes de retornar para esta região, pedimos apoio da Funai no monitoramento territorial, mas nunca fomos atendidos, negando ajuda justificando que diziam “falta de recursos financeiros”. Pedimos para falar com o presidente da Funai, que negava sempre nos receber.

Depois de morte do nosso membro, de dois indígenas Matis por um ataque dos Korubo, a Funai ficou criando intriga com nosso povo. A Funai já tinha ido lá na nossa aldeia nos ameaçar, nos ofender, os velhos ficaram muito bravos. Nós não aceitamos a atitude do funcionário que fez isso, ainda mais lembrando da história que falei do contato que a gente sofreu. Melhor nos deixar do jeito que nós estamos vivendo, sem a presença da Funai, sem pensar a quem cobrar de apoio. Esquecidos pelo Estado brasileiro.

Depois de atacarem dois dos nossos membros, com medo, os isolados se espalharam atravessando o rio Branco. Supostamente, há indigenistas da Funai, e também teve antropólogos, que pensam que os Matis e os Korubo estão em disputa pela terra. Digo, para quem raciocina dessa maneira, que estão muito enganados. Falaram isso em reunião para nós, e teve o coordenador da área de isolados que deu declaração na imprensa dizendo que era conflito por terra, ainda bem que ele foi derrubado depois, e a Funai fez até uma nota acusando meu povo de praticar violência, de ser violento. Olha só, a Funai, depois de tudo isso que fizeram com os Matis, depois de matarem tanta gente do meu povo, ainda vieram nos acusar de incitar a violência no nosso território e de brigar por terra no nosso território. Nós queríamos voltar para o nosso lugar, e a Funai, que nos deslocou de lá, nos acusou de roubar terra dos Korubo.

No início de estudo da Terra Indígena Vale do Javari, os funcionários da Funai pensavam dessa forma também, querendo demarcar território dividindo para cada povo no local onde habitavam. Sem conhecimento de que povos indígenas são nômades e precisam de terra para sobrevivência. Ao contrário do pensamento da Funai, o movimento indígena garantiu a demarcação para todas as populações indígenas, contatados e isolados. Não existem indígenas brigando pela terra, o território pertence toda população que nela habita.

Se os Matis disputassem terra com os Korubo, já há muitos anos nós poderíamos ter brigado com povo Marubo, da aldeia Rio Novo, que moram no território tradicional do Matis até os dias atuais. Isso não existe entre nós. Nós não nos sentimos ameaçados pelos Korubo, nem queremos conflito, porque os índios que vivem no mato não têm entendimento da dimensão da violência. Se tivéssemos essa ideia do enfrentamento, como a Funai

divulgou, nunca haveria pessoas dos Korubo isolados aparecendo ao redor das nossas aldeias.

Hoje, a Funai precisa ter diálogo com Matis para ter noção de como é a nossa sobrevivência na aldeia, porque nenhum funcionário sabe mesmo a nossa realidade. A Funai deve trabalhar no sentido de realizar o monitoramento do território dos isolados e atuar para garantir um bom atendimento aos índios isolados quando efetuarem contato, através dos seus representantes indicados.

A última notícia do Vale do Javari, agora no mês de maio de 2018, é que, depois de muita luta dos Matis, e de enviar muitos documentos para a Funai, finalmente conseguimos encontrar com os Korubo que foram contatados pelos Matis em 2015, conversar com os Korubo diretamente. Foi um encontro emocionante, foi muito emocionante. Foi um encontro sem brancos, apenas pouca gente da Funai, que agora tem um coordenador que nos respeita, e que ajudou a articular o encontro. A gente queria mais branco nesse encontro, mas se encontrar diretamente os índios. Nesse encontro, foi decidido que os Matis vão voltar a colaborar com os trabalhos da Funai. E que, junto do movimento indígena, pela União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja), vamos ajudar os Korubo que recém saíram do mato a conhecerem o mundo dos brancos e a se defenderem. Os Korubo falaram que querem se aproximar dos outros índios no Vale do Javari e se juntarem ao movimento indígena.

Nota

¹Nome em registro oficial é “Marke Turu,” erroneamente transcrita por um funcionário da Funai, é liderança do povo Matis.